

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**JORGE PAULO DOS SANTOS**

**A FORMAÇÃO DO PROFESSOR PARA O USO INTEGRADO DAS MÍDIAS NO  
ENSINO DAS NOVAS GERAÇÕES E O DESAFIO DO ENSINO-APRENDIZAGEM**

**CURITIBA**

**2017**

**JORGE PAULO DOS SANTOS**

**A FORMAÇÃO DO PROFESSOR PARA O USO INTEGRADO DAS MÍDIAS NO  
ENSINO DAS NOVAS GERAÇÕES E O DESAFIO DO ENSINO-APRENDIZAGEM**

Artigo apresentado como requisito parcial à conclusão do Curso de Especialização em Mídias integradas na Educação, do Setor de Educação Profissional e Tecnológica, da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Dra. Silvana M<sup>a</sup> Carbonera

**CURITIBA**

**2017**

## **A formação do professor para o uso integrado das mídias no Ensino das novas gerações e o desafio do ensino-aprendizagem**

**Jorge Paulo dos Santos**

### **RESUMO**

O presente artigo estruturou-se basicamente a partir de revisão de literatura com ideias de diversos autores sobre o tema e se propõe a refletir sobre a formação do professor tendo em vista a utilização integrada das mídias como recurso e também enquanto conteúdo produzido, para o ensino das novas gerações, observando as peculiaridades e características específicas dos diferentes grupos geracionais e sua relação com o universo midiático. Logo, busca-se discutir as possibilidades de potencializar o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes tornando-os partícipes no intercâmbio de conhecimentos e habilidades com o professor, integrando diferentes mídias e seus conteúdos para a formação da consciência crítica.

**Palavras-chave:** Formação do professor. Uso integrado de mídias. Consciência crítica dos estudantes.

### **1 INTRODUÇÃO**

Na contemporaneidade é possível presenciar mudanças significativas no campo do conhecimento e da informação que trazem impactos profundos nas relações sociais e conseqüentemente nas educacionais. Partindo do princípio de que as novas gerações já nascem e crescem permeadas por tecnologias diversas, em especial na área da comunicação e informação torna-se inevitável a integração dos diversos meios de acesso (mídias) ao contexto educacional formal, uma vez que esse é um dos espaços de vivência e de integração desses grupos.

Sendo assim, o presente artigo pretende refletir sobre a influência das mídias sobre os estudantes tomando como referência o conceito de geração e a classificação descrita por Bortolazzo (2012) das gerações X, Y, Z ou geração Digital, fazendo um paralelo com a ideia de Prensky (2001) sobre os nativos digitais e os imigrantes digitais, para assim entender melhor as diferenças na relação dos

professores e dos estudantes com as diversas mídias e suas tecnologias e os reflexos destas relações no processo de ensino-aprendizagem.

Para tanto, a metodologia empregada para a realização deste artigo foi a de pesquisa bibliográfica. Nesta revisão houve o cuidado acadêmico de articular vários autores em torno da temática central, levantando questionamentos pertinentes e buscando embasamentos teóricos que respondessem às indagações.

Nesse contexto o artigo reflete sobre a formação do professor para o uso das mídias integradas à educação e a possível contribuição dos estudantes na interação, cooperação e troca de conhecimentos para potencializar a aprendizagem na perspectiva da formação de consciência crítica sobre as mídias e seus conteúdos.

## **2 REVISÃO DE LITERATURA**

A investigação realizada através da revisão de literatura contempla a formação do professor para o uso integrado das mídias nas escolas a partir da sua prática com as novas gerações e o desafio de concretizar o ensino-aprendizagem valendo-se das diversas tecnologias e mídias, especialmente as tecnologias digitais com a finalidade de desenvolver a consciência crítica nos estudantes. Esta missão desafiadora é de suma importância para a ressignificação do processo pedagógico a partir da aproximação da escola com as novas agências socializadoras do indivíduo, ou seja, as mídias modernas.

### **2.1 MÍDIAS E SUAS TECNOLOGIAS E SEUS EFEITOS NOS AMBIENTES EDUCATIVOS**

Partindo do princípio de que o atributo primordial do ser humano é sua capacidade de produzir cultura, conhecimento e adaptar-se ao meio, em especial em tempos de avanços tecnológicos sem precedentes, observa-se a grande missão daqueles que trabalham com as novas gerações de crianças e jovens e conduzem o processo de socialização, transmissão e produção de conhecimento através das principais instituições que os assistem.

Utilizando a perspectiva das instituições socializadoras do indivíduo é possível considerar que as diferentes mídias, em especial as digitais, estão absorvendo

terrenos importantes, antes dominados pela família e escola, necessariamente nesta ordem. Como defende Buckingham (2010, p. 42):

[...] a infância contemporânea está permeada, em alguns sentidos até definida, pela mídia moderna – através da televisão, do vídeo, dos jogos de computador, da internet, da telefonia móvel, da música popular e pelo leque de *commodities* ligadas à mídia que formam a cultura do consumo contemporâneo [...] (BUCKINGHAM, 2010 p. 42)

Este fenômeno não pode ser ignorado se a intenção for estabelecer um canal de comunicação com esta geração. No caso da instituição escolar, pesa sobre a figura do educador a missão de gerenciar o processo de aprendizagem dos alunos levando em consideração a influência das tecnologias midiáticas na vida dos mesmos, de modo a integrá-las com intencionalidade pedagógica no seu trabalho.

As mudanças de comportamento, estilos de vida, formas de pensamento e resolução de problema e diversas outras particularidades que compõem o perfil das novas gerações que encontramos nas escolas, são características típicas dos que nasceram imersos no universo das tecnologias digitais e que, portanto, são dominadores das mesmas. Estas gerações precisam ser estudadas e compreendidas a partir de critérios científicos e desprovidos de preconceitos. Sobre esse fenômeno o filósofo e sociólogo francês Pierre Lévy (1999, p.12) afirma:

Estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação, e cabe apenas a nós explorar as potencialidades mais positivas deste espaço no plano econômico, político, cultural e humano. Que tentemos compreendê-lo, pois a verdadeira questão não é ser contra ou a favor, mas sim reconhecer as mudanças qualitativas na ecologia dos signos, o ambiente inédito que resulta da extensão das novas redes de comunicação para vida social e cultural. (LÉVY, 1999, p.12)

Assim, aos educadores cabe a reflexão de como lidar com a Cibercultura vivenciada pelos estudantes, que segundo Lévy (1999, p.15) “expressa o surgimento de um novo universal, diferente das formas que vieram antes dele no sentido de que ele se constrói sobre a indeterminação de um sentido global qualquer”. Também devem se perguntar sobre as competências e níveis de proficiência para integrarem as diferentes mídias, interagirem e operarem as tecnologias, bem como os meios para utilizá-las a favor de uma aprendizagem significativa e crítica frente a elas e frente a seus conteúdos.

Esta reflexão se faz necessária tanto para se abrir um canal de comunicação e de interação entre professor-aluno quanto para desenvolver nos estudantes uma

postura ativa que os permitam aportar ao processo de ensino-aprendizagem a partir das habilidades e dos conhecimentos que sua geração possui com relação às mídias modernas. Isso requer mais do que a habilidade de integrar diversas mídias de diferentes épocas, implica abrir espaços de protagonismo para o desenvolvimento da autonomia e a ressignificação do processo pedagógico tanto para o professor quanto para os estudantes nesse intercâmbio de experiências intergeracionais.

## 2.2 REFLEXÕES SOBRE CONCEITO DE GERAÇÃO

É possível constatar que as novas gerações manifestam o fenômeno da adesão e naturalização das mídias modernas de maneira explícita em suas formas de pensar, aprender, se vestir, interagir, conhecer pessoas, formular opiniões, consumir produtos e etc.

É possível observar que, neste sentido, ao lado da mídia impressa, a mídia digital, as imagens e os áudios ganham sentido no processo de informação e educação. Smartphones, tablets e computadores se juntam a livros e revistas e seu uso passa a contribuir, de forma direta e relevante, no processo de formação de jovens, adolescentes e crianças contemporâneas.

A compreensão do fenômeno da interferência que as distintas mídias causam nas relações entre diferentes gerações pode ajudar a refletir na possibilidade de estabelecer elos que amenizam os contrastes. A integração das mídias no ensino dos mais jovens desponta como uma possibilidade promissora para essa questão.

Estudiosos acreditam que a geração digital reconhece a tecnologia como uma força de libertação das crianças. Para Tapscott<sup>1</sup> (1998, *apud* Buckingham, p. 43, 2010) a tecnologia é “(...)um meio para que as crianças ultrapassem a influência coercitiva dos mais velhos e criem formas novas e autônomas de comunicação e comunidade”. Isso acarreta uma mudança bastante relevante nas relações humanas fundamentais e na forma com que as famílias administram sua hierarquia de valores e suas relações de autoridade entre diferentes gerações.

Para compreender o termo geração, é possível fazer uso da Sociologia, que oferece uma vasta discussão sobre este tema. Tomando como base o conceito

---

<sup>1</sup> TAPSCOTT, Don. *Growing Up Digital: The Rise of the Net Generation*. New York: McGraw Hill, 1998

utilizado pelo sociólogo Karl Mannheim (1928, p.135-136) pelo seu alto grau de estruturação frente a outros teóricos, podemos entender a ideia de geração como:

“[...] indivíduos que pertencem à mesma geração [...] estão ligados [...] a uma posição comum na dimensão histórica do processo social, [o que significaria uma predisposição para] um certo modo característico de pensamento e experiência e um tipo característico de ação historicamente relevante” (MANNHEIM, 1928, 135-136).

Mannheim (1928, p. 135-136) defende que indivíduos de uma mesma geração têm maior probabilidade de possuírem afinidades teóricas, ideológicas e engajamento sociais, num determinado contexto histórico. Isso influencia as relações sociais na perspectiva da dinâmica histórica e outras dimensões em que os indivíduos estejam inseridos.

Assim, por exemplo, quando se aplica esta ideia ao fenômeno da ‘Cibercultura’ e do ‘Ciberespaço’<sup>2</sup> descrito por Pierre Lévy (1999, p. 17), é possível considerar que as novas gerações imersas nesta condição construtora de um grande perfil coletivo carregam características genuinamente próprias com relação às gerações que são anteriores a esta circunstância. Logo, o ambiente educativo sendo permeado pela diversidade em vários aspectos pode se beneficiar disso e proporcionar a troca de conhecimentos e a cooperação destes atores, no cenário de construção do conhecimento. Assim, gerações diferentes, com distintas habilidades e formas de verem o mundo, por interferência da tecnologia da informação e da comunicação em especial, podem se complementar e se beneficiarem mutuamente, especialmente no que se refere a integração das diferentes mídias no contexto de ensino formal.

Para descrever o processo de relação entre as últimas gerações e os recursos tecnológicos, cabe utilizar a perspectiva que observa o fenômeno da sociedade em rede e das múltiplas mídias disponíveis interferindo diretamente no comportamento das novas gerações. Muitas vezes os alunos, condicionados aos efeitos produzidos pelos conteúdos midiáticos e pelo acesso irrestrito aos mesmos não conseguem dialogar com os professores e nem com os sistemas de ensino. Como reflete Coutinho (2003, p.20 ):

---

<sup>2</sup> “O termo [ciberespaço] especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informação que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo ‘cibercultura’, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 1999, p. 17).

[...] A escola está tão preocupada com sua própria estrutura feita de conteúdos, de grades curriculares, de seriações, que se esquece de ver e de sentir outras dimensões das coisas, das narrativas que utiliza, enfim, da própria vida que pulsa dentro e fora dela. Um filme, por exemplo não cabe na escola. Para que aconteça uma projeção, são necessários verdadeiros malabarismos, novos arranjos de turmas, horários extras, acordos apressados. Tudo isso porque a escola ainda é uma instituição muito restrita a duas linguagens apenas: a escrita e a oral. Os novos meios, mesmo incorporando os antigos, ao criarem as novas linguagens propõem igualmente novas formas de estar no mundo e – por que não? – também na escola. (COUTINHO, 2003, p. 20)

O que Coutinho (2003) descreve não é uma situação distante e incomum nos sistemas educacionais. Ainda hoje a estrutura e o funcionamento das escolas por si só já apresentam entraves para a utilização de mídias mais modernas distintas daquelas que são tradicionalmente consagradas neste espaço como a mídia impressa. É preciso entender que os recursos tradicionais como o uso da oralidade e a utilização de mídias impressas não conseguem dar conta, sozinhos, de explorar o potencial criativo dos alunos e de atender suas expectativas nas suas formas de visualizar e vivenciar a realidade.

É preciso encaminhar o trabalho de modo a integrar recursos. Com a diversidade de mídias disponíveis para uso, cabe ao professor ajustar suas estratégias didáticas de modo que diferentes canais midiáticos corroborem com sua intencionalidade pedagógica.

Buckingham (2010 p. 43) argumenta que “a maioria das experiências dos jovens com a tecnologia estão acontecendo fora da escola, no contexto do que é denominado cultura Tecnopopular. E a diferença do que ocorre aí e o que ocorre na sala de aula é impressionante”.

Muitas vezes o educador, por não conseguir fazer leituras coerentes da realidade de seus alunos, acaba perdendo oportunidade de integrar sua proposta de trabalho ao universo midiático transitado por eles. Certamente esse movimento faria com que eles se interessassem pelos conteúdos e despertaria o sentimento de identificação ou familiarização com as formas de aprender na escola.

Para a melhor compreensão do distanciamento da forma de pensar, agir e aprender entre gerações, focando nas diferenças entre a geração de professores e de alunos, é importante tomar conhecimento das ideias de Bortolazzo (2012, p. 3) que após apresentar cronologicamente distintas gerações, também as descreve com elementos de outros autores.



Assim, para Bortolazzo (2012, p.4), o termo geração representa o período de sucessão entre descendentes em linha reta, ou seja, pais que geram filhos que geram netos e etc. A média utilizada para o cálculo de transição era de 25 anos. Porém, esse intervalo sofreu alterações devido a velocidade com que as coisas evoluem, portanto considera-se o intervalo de 10 anos. Isso vem nos dizer que cada vez mais há diferentes gerações compartilhando o mesmo cenário de convivência.

Bortolazzo (2012, p.4), considera que no período entre 1940 e 1960, por ser um momento pós-guerra, houve uma grande elevação no índice de natalidade. Nos Estados Unidos isso foi assistido e nomeado como *Geração Baby Boomers*. No Brasil, esta geração se caracterizava pela juventude no início da ditadura e pela luta contra os militares, sendo considerados pertencentes a Jovem Guarda e outros movimentos paralelos por volta de 1950.

Os indivíduos nascidos entre 1965 e finais de 1970 dão origem a Geração X<sup>3</sup>. Essa geração foi capaz de ver as tecnologias invadirem suas casas, locais de trabalhos, escolas e universidades. No que diz respeito às expectativas econômicas para esta geração Bortolazzo (2012, p. 3) afirma:

A população pagava as contas com Cruzeiro, Cruzado e Cruzado Novo. Devido às mudanças bruscas e constantes de moeda, um componente fortemente associado a esses sujeitos os faziam crer que era preciso trabalhar muito e economizar, pois uma nova crise econômica poderia surgir a qualquer momento. (BORTOLAZZO, 2012 P. 3)

Depois da geração X viu-se o surgimento da geração Y. Esse novo grupo nascido entre os anos de 1980 e finais de 1990 teve como símbolo o acesso a celulares e computadores em sua juventude. Bortolazzo descreve esta geração como sendo voltados para si, para o prazer e para a satisfação. São imediatistas, precipitados e de certa forma impulsivos.

Porém, os pertencentes a geração Y não seriam tão instantâneos e imediatistas quanto os nascidos no final dos anos 90, denominados geração Z.

A geração Z ou Geração Digital nasceu em uma época com previsão de economia favorável. Para Bortolazzo (2012) essa geração possui comportamentos muito particulares provenientes do contato com novas tecnologias. “O mundo desses jovens sempre foi habitado por Internet, celular, e-mail e, de certa forma, são convocados e incitados por novidades a todo o momento. É uma geração que

---

<sup>3</sup> Segundo o novelista canadense Douglas Coupland, autor de *Generation X: Tales for na Accelerated Culture*, um best-seller lançado na década de 90, a Geração X foi caracterizada por uma juventude que pensava em si mesma e se revoltava contra a cultura POP.

prescinde de informações e estímulos, mesmo que se tornem obsoletos minutos depois.” (BORTOLAZZO, 2012, p. 6)

Este grupo responde aos ritmos dados pela tecnologia, pois nasceram neste contexto de acesso aos recursos do mundo virtual, conectado, informatizado, munidos das diversas tecnologias como videogame, internet, telefone celular e outras tecnologias. São aqueles que dispensam o papel quando trabalham com o computador.

Prensky (2001) descreve a relação existente entre as diferentes gerações com a tecnologia, fazendo uma analogia com o processo de habitação de um território novo onde há colonizadores, imigrantes e os nativos. O autor reflete sobre as mudanças ocorridas no mundo a partir das novas tecnologias digitais e sua relação com a educação, onde os alunos são nativos digitais e seus professores são imigrantes digitais, ou colonizadores, o que interfere diretamente na comunicação e o processo de ensino-aprendizagem.

Com isso é possível perceber que há um contraste entre gerações, uma vez que vivem num constante período de transição de comportamento e modos de pensar, a relação professor-aluno, quando não pensada na perspectiva de integração de diferentes recursos, acaba sendo afetada no que se refere aos encaminhamentos para a aprendizagem.

Utilizando um quadro comparativo para contrastar as experiências dos estudantes Nativos Digitais e os professores Imigrantes Digitais é possível observar as seguintes diferenças:

QUADRO 1 – ESTUDANTES NATIVOS DIGITAIS

<b>Estudantes Nativos Digitais</b>	<b>Professores Imigrantes Digitais</b>
Preferem receber rapidamente informação de múltiplas fontes	Preferem a transmissão da informação de forma lenta e controlada, com recursos a fontes limitadas como as aulas e os manuais escolares.
Preferem realizar múltiplas tarefas em simultâneo ( estudar, ouvir música, pesquisar na internet, enviar	Preferem realizar uma tarefa de cada vez.

mensagens, por ex.)	
Preferem aprender através de vídeos, imagens e sons em vez de texto.	Preferem ensinar recorrendo ao texto do manual escolar.
Preferem aceder à informação de forma aleatória, explorando <i>hiperlinks</i> de modo livre e caótico	Preferem seguir o programa da disciplina e transmitir a informação de forma lógica e sequencial, ou seja, passo a passo.
Preferem estar conectados e interagir com muitas pessoas, em simultâneo.	Preferem que os estudantes trabalhem sozinhos.
Preferem aprender “just – in – time”	Preferem ensinar “just – in – case”
Preferem ser gratificados instantaneamente e receber prémios imediatos.	Preferem adiar a gratificação e os prémios para o final do período ou do ano letivo.
Estão orientados para o jogo, preferindo aprender o que é relevante, imediatamente útil e divertido.	Estão orientados para o trabalho, limitando-se a cumprir o programa e a fazer os testes de avaliação.

(DELGADO, 2008, sem paginação)

Frente a um novo modelo de aprendizagem dos alunos, que se requer um novo modelo de ensino para os professores. É necessário realizar ajustes. Como o processo tecnológico é evolutivo no que se refere aos recursos materiais e a cultura que ele provoca, certamente os professores terão que se instrumentalizar, buscar formas e construir caminhos através do conhecimento técnico e pedagógico que venham de encontro com as demandas emergentes.

É uma questão de sobrevivência e de êxito profissional o desenvolvimento da postura do professor pesquisador, daquele que consegue atualizar-se e acompanhar os avanços não só tecnológicos, mas também na concepção que fundamenta sua prática, passando a refletir sobre o papel do professor e do estudante e compreendendo os contratos pedagógicos que permeiam essa atuação, além de outros elementos internos e externos à escola que interferem constantemente neste contexto.

### 2.3 A FORMAÇÃO DO PROFESSOR PARA O USO DAS MÍDIAS INTEGRADAS NA EDUCAÇÃO

São irreversíveis as mudanças sociais provocadas pelas tecnologias da informação e comunicação. Elas permeiam as relações sociais gerando características novas na sociedade, produzindo novas formas de interação nas relações familiares, no mundo do trabalho, nas relações interpessoais, nas esferas políticas e culturais e em diversas outras, considerando em especial, como objeto de atenção deste trabalho, as relações de ensino-aprendizagem demarcadas no ambiente escolar.

A respeito da sociedade contemporânea e os impactos da tecnologia da informação e comunicação na educação, Faria e Tosch (2013, p.175) comentam:

Essas mudanças, que nos têm levado a denominar a atual sociedade como sociedade da informação, são percebidas no jeito de pensar e fazer educação, assim como nas transformações nos modos de comunicar, trabalhar, aprender, o que deveria refletir na formação de professores, e nas práticas escolares. (FARIA E TOSCH, 2013, p. 175)

Diante disso, é preciso que o professor tome consciência de si mesmo, para que ele possa adquirir novas aprendizagens e ampliar seus horizontes na busca por uma formação constante. Isso lhe garantirá o discernimento para explorar e integrar a diversidade midiática com propriedade e precisão atendendo os propósitos pedagógicos e levando os estudantes a desenvolverem sua criticidade sobre os variados temas vinculados aos meios. A respeito disso Faria e Tosch (2013, p.175) afirmam que “o pensar sobre o fazer e o agir, a reflexão sobre a prática e a produção de conhecimentos e de possibilidades de reconstruir os saberes e as práticas podem facilitar as mudanças no trabalho docente [...]”.

Por isso a tomada de consciência de si mesmo permitirá ao docente fazer o reconhecimento da teoria e da prática que norteia seu agir pedagógico.

Esse exercício essencial denominado Metacognição é descrito por Nickerson e outros (1994) e citado por Portilho (2009, p.107) como:

[...] conhecimento sobre o conhecimento e o saber, incluindo o conhecimento das capacidades e das limitações dos processos de pensamento humano; do que se pode esperar que os seres humanos saibam em geral; e das características da pessoa em si, em especial de si mesma como conhecedora e pensante. Este conhecimento inclui a capacidade de planejar e regular o emprego eficaz dos próprios recursos cognitivos”. (PORTILHO, 2009, p.107)

Num primeiro momento é preciso estar imbuído dessa consciência, e mover-se em busca do aperfeiçoamento pessoal e profissional de modo eficaz, mas

também é preciso fazer outras leituras que lhe permitam aplicar seus procedimentos e estratégias didático-pedagógicas tendo em vista o seu alunado. Prado (2005 p. 13) a este respeito esclarece que:

No entanto para fazer a mediação pedagógica, o professor precisa acompanhar o processo de aprendizagem do aluno, ou seja, entender seu caminho, seu universo cognitivo e afetivo, bem como sua cultura, história e contexto de vida. Além disso, é fundamental que o professor tenha clareza de sua intencionalidade pedagógica para saber intervir no processo de aprendizagem do aluno, garantindo que os conceitos utilizados, intuitivamente ou não na realização do projeto sejam compreendidos, sistematizados e formalizados pelo aluno. (PRADO, 2005, p. 13)

Isso quer dizer que, além do autoconhecimento a respeito de sua forma de gerir e conceber o próprio trabalho e seu nível de proficiência na operacionalização dos recursos disponíveis, é preciso também domínio e clareza sobre a intencionalidade pedagógica, sobre a diversidade de estilos e perfis de aprendizagem presentes no alunado, bem como a perspicácia para visualizar os resultados esperados e os caminhos mais eficientes para alcançar suas metas. Sobre isso, Faria e Tosch (2013, p.185) afirmam:

O processo de formação docente deve possibilitar conhecimentos de caráter instrumental, pedagógico e sobre a relação da tecnologia com a sociedade, ou seja, deve permitir a compreensão da articulação pedagógica do uso das tecnologias, garantindo progressivamente, o seu real uso nas suas práticas nas escolas, atendendo assim a sua função socializadora e cultural [...]. (FARIA E TOSCH, 2013, p. 185)

É certo que a utilização integrada de recursos midiáticos pode tornar a aula mais dinâmica ou até mesmo mais atrativa, porém a escolha destes recursos auxiliares deve ser motivada por uma intencionalidade que supere a mera utilização de equipamento x ou y. Para além do material concreto há que se pensar em seu conteúdo e a relação que seus alunos fazem com o mesmo. O que se pode aprender, em linhas gerais, nas antigas dimensões conceitual, que permite o conhecimento de fatos, conceitos e princípios; procedimental que se desdobra em como fazer, decisão sobre encaminhamentos, estratégias e criatividade; e atitudinal que engloba elementos de conduta, afetivos, avaliativos, cognitivos e comportamentos.

Quando o professor toma consciência de que seus estudantes, apesar de fazerem parte de uma geração específica com características em comum, possuem formas de aprender que são personalizadas como estilo de aprendizagem e canais preferenciais para acessar e processar o conhecimento, o professor passa a

reconhecer que quanto maior for o repertório de recursos utilizados por ele para apresentar um conteúdo, mais eficaz será a aprendizagem dos alunos a respeito deste conteúdo. Sobre estilos de aprendizagem Saldanha et al. (2016, p.1) afirma:

Na literatura, os estilos de aprendizagem são apresentados de diferentes formas e classificações. Dentre estas formas estaca-se o método VAC (VISUAL, AUDITIVO e CINESTÉSICO) que é baseado nos sentidos e responde com eficiência as expectativas e exigências da escola. Esta teoria VAC, foi desenvolvida por Fernald e Keller e Orton- Gillingham e pressupõe que a aprendizagem ocorre por meio dos sentidos visual, auditivo e tátil, ou seja, a maioria dos estudantes possuiu um estilo preponderante ou predileto para aprender os conteúdos das mais variadas disciplinas, podendo ainda haver alguns em que há a mistura equilibrada dos três estilos: visual, auditivo e cinestésico. (SALDANHA et al., 2016, p.1)

A integração de mídias como estratégia de ensino vem de encontro com essa realidade. Para atender alunos com canais preferenciais de aprendizagem visuais, auditivos, sinestésicos ou multi-modais existem distintos meios que podem ser: a mídia impressa como Jornais, revistas, livros e outras; a mídia som-áudio com aparelho de rádio, programação radiofônica, podcast e diferentes dispositivos do gênero; a mídia som-vídeo com imagens, televisão, e outros projetores; e a mídia informatizada com a multimídia incluindo computadores, smartphones, tablets, jogos, programas e outros recursos interativos em conexão com a internet.

Cada um desses meios isoladamente atende a todos e em especial pode atender àqueles que possuem seu canal preferencial de aprendizagem pareado ao recurso que melhor estabeleça a via para a mensagem, seja ela por meio visual, auditivo, sinestésico ou a mesclas destes. Porém, uma vez que o professor integra as diferentes mídias com uma proposta permeada por intencionalidade pedagógica ele certamente obterá a elevação no nível de aprendizagem de seu alunado, pois potencializará sua ação instrumentalizando-a com um repertório mais amplo de recursos.

#### 2.4 O USO INTEGRADO DAS MÍDIAS E A PARTICIPAÇÃO DOS ESTUDANTES NO APRENDIZADO E NA FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA CRÍTICA SOBRE ELAS

Todo este caminho traçado permite uma reflexão a respeito das mudanças ocorridas no campo do conhecimento e da informação condicionadas pelas tecnologias midiáticas que permeiam naturalmente o cotidiano das novas gerações.

Refletir sobre a utilização das mídias no contexto escolar é fundamental para que a escola possa não só acompanhar os avanços tecnológicos, mas também aproximar-se da linguagem dos alunos, de suas formas de pensar, aprender e agir frente a realidade. Todo esse fenômeno acarreta em uma nova abordagem sobre a aprendizagem, sobre o ensino e também sobre os interesses, muitas vezes divergentes, entre as gerações dos alunos e a dos seus professores. Como afirma Buckingham (2010, p. 44) “a escola é inevitavelmente um lugar de negociação (e com frequência, de luta) entre as concepções concorrentes de conhecimento e o valor cultural.”

Logo, é importante ter a clareza de que o fato do professor manter em sua agenda o uso de mídias possuindo a capacidade técnica de operá-las em sala de aula não garante sucesso significativo na aprendizagem de seus alunos, nem muito menos a formação de uma consciência crítica a respeito dos conteúdos vinculados a elas. Com relação a isso Mercado (2002, p.12) descreve:

[...] as instituições educacionais enfrentam o desafio de não apenas incorporar as novas tecnologias da informação com conteúdos de ensino, mas também reconhecer a partir das concepções que as crianças e os adolescentes têm sobre estas tecnologias para elaborar, desenvolver e avaliar práticas pedagógicas que promovam o desenvolvimento de uma disposição reflexiva sobre os conhecimentos e os usos tecnológicos. (MERCADO, 2002 p.12)

Esta promoção do desenvolvimento da reflexão sobre os conteúdos é a peça chave para uma aprendizagem crítica e para que os professores consigam dar um salto qualitativo em seu trabalho, ressignificando seus conceitos e percepções sobre os recursos, os conteúdos, sua didática e a leitura necessária das linguagens e das ansiedades do seu alunado. Isso se aplica ao trabalho docente como um todo.

Com foco no letramento digital Buckingham (2010 p. 49) apresenta a sua ideia que vem ao encontro do trabalho intencional dos professores no desenvolvimento da consciência crítica dos alunos sobre as mídias, em especial a digital:

[...] as habilidades que as crianças precisam em relação à mídia digital não são para a recuperação de informação. Como a imprensa, ela também precisa ser capaz de avaliar e usar a informação de forma crítica se quiserem transformá-la em conhecimento. Isso significa fazer perguntas sobre as fontes dessa informação, os interesses de seus produtores e as formas como ela apresenta o mundo, compreendendo como estes desenvolvimentos tecnológicos estão relacionados a forças sociais, políticas e econômicas mais amplas (BUCKINGHAM, 2010 p.49)



Para que ocorram tais perguntas, questionamentos e compreensão que supere a percepção superficial e mais evidente daquilo que as mídias apresentam, não basta a técnica de saber operar os meios como instrumentos. O professor só conseguirá este resultado se tiver disposição para realizar estudos e leituras com criticidade frente aos acontecimentos e as realidades apresentadas pelas mídias. Ele deve ser um exemplo de sujeito ativo e consciente para os estudantes.

Com a atitude de atualização constante, não se deixando alienar dos acontecimentos relevantes nas distintas esferas vinculadas nas mídias, tendo potencial racional para avaliar e desvelar as intenções presentes em cada ideologia apresentada e tendo a capacidade de traduzir tudo isso no repasse aos alunos permitindo que os mesmos tomem seus próprios posicionamentos frente a assuntos importantes, é o que garantirá a manutenção do processo emancipatório dos mesmos. Sobre a responsabilidade de conduzir o processo participativo dos estudantes Dalmás (1999, p. 40) afirma:

O clima educacional de uma escola provém, basicamente dos educadores que nela atuam. São eles que determinam as relações internas, através do acolhimento, da aceitação, da empatia, da real comunicação, do diálogo, do ouvir e do escutar, do partilhar interesses, preocupações e esperanças. (DALMÁS, 1999, p. 40)

No que se refere a questão da alfabetização – letramento dos estudantes a respeito dos conteúdos das mídias, Silva (2003, p.35) considera que:

Nesses termos, a maturidade e a criticidade deste leitor devem fazê-lo ver que dentro do mundo das palavras, dentro do universo dos discursos que se cruzam ininterruptamente existem mentiras, simulacros, fraudes, falsidades, além é claro de relações verbais que fazem justiça aos fatos da realidade. Daí dizermos que um dos objetivos principais de uma educação voltada para a leitura das mídias – e daquilo que corre por elas – seja o discernimento, quer dizer a capacidade de separar a verdade da mentira, de discernir o certo do errado, de discriminar fatos de opiniões, enfrentar ajuizadamente o bem e o mal e assim por diante. (SILVA, 2003, p.35)

O professor ao fazer uso integrado das mídias e apresentar um recorte de seus conteúdos deve ter o compromisso com esse tipo de formação. Deve estimular questionamentos que vão além do que foi evidenciado. Deve esgotar as possibilidades de interpretação das expressões com ambiguidade, fomentando a discussão de conteúdos e proporcionado que seus alunos argumentem entre si defendendo diferentes pontos de vista e percebendo que os discursos podem se apoiar em justificativas equivocadas.



Para exemplificar a proposta de trabalho defendida neste artigo é possível abordar a temática da 'Imigração no século XXI' possível de ser abordada no Ensino Médio por várias áreas do conhecimento como história, geografia, língua portuguesa e outras. O professor, anterior ao início da apresentação da temática pode solicitar aos seus alunos que façam pesquisas sobre a imigração na atualidade. Podendo dividir a turma em vários grupos para que cada um se encarregue de pesquisar um tipo específico de mídia como jornal impresso, fotografia, jornal televisivo, internet (blog, jornal eletrônico), Vídeos, áudios (programas de rádio, podcast) e outros. O professor pode direcionar ou dar dicas de fluxos migratórios da atualidade como os que ocorrem na Síria, no Haiti e na Venezuela.

Uma vez passado o prazo de execução da pesquisa pelos alunos o professor prepara o espaço para a socialização e apresentação dos materiais midiáticos trazidos pelos alunos. Pode escolher formas específicas de apresentação problematizado e instigando debates a respeito de cada conteúdo e sobre o posicionamento do veículo midiático apresentado. Quando couber, questionar se há contradições na notícia, que mecanismos utilizam para provocar a credibilidade no leitor ou espectador, a quem se destina o texto, que posicionamento político traz, dentre outras problematizações. O professor pode ser posicionar como moderador e organizador das falas, complementando e direcionando as partilhas. Trazendo textos recentes como o das alterações na abordagem legislativa sobre o assunto. Trabalhando atitudes de colaboração e de respeito a opinião e posicionamentos alheios ou contrários. Nunca perdendo de vista seu propósito pedagógico e sempre amarrando com comparações, analogias e relações com o conteúdo proposto. Pode-se realizar registros ou outros tipos de instrumentos de avaliação para a conclusão da temática.

Neste movimento, o professor conseguirá atrair o interesse de seus alunos para os temas abordados, desenvolverá competências e atitudes necessárias para uma formação que desenvolva a consciência crítica e a autonomia do pensar no estudante. Isso promoverá o comprometimento dos estudantes com o processo de aprendizagem, e fomentará a postura de estudante pesquisador.

Em consonância com essa prática Dalmás (1999, p. 29) afirma que “a escola é um lugar possível de educação consciente, crítica, criativa e participativa, desde que seus integrantes acreditem em um processo político de educação e que possam produzir mudanças nas relações interpessoais e sociais”

Abrir espaço para o protagonismo dos estudantes no aporte com materiais de origem midiática, fomentando a participação e o posicionamento frente a questões da atualidade e relacionadas com os conteúdos curriculares pode ser um caminho válido para a formação política e a construção da consciência crítica que justamente produza as referidas mudanças nas relações interpessoais e sociais, além dos ganhos pedagógicos dessa prática pedagógica.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Considerando a influência midiática e das novas tecnologias da informação e comunicação como sendo mais uma dentre as instituições socializadoras do indivíduo na atualidade, torna-se necessário aos educadores a tomada de consciência deste fenômeno com seriedade e desprovido de preconceito e a busca de alternativas para integrar a nova geração de nativos digitais ao processo educativo, tornando-os cada vez mais partícipes e colaboradores com seus conhecimentos e habilidades a favor do ensino-aprendizagem com consciência crítica na integração das mídias e no estudo de seus conteúdos junto com a proposta curricular.

É preciso compreender as peculiaridades das novas gerações de estudantes, bem como as características que regem a geração de professores para estabelecer um elo colaborativo e propício para o conhecimento. Quando os educadores fazem o uso integrado das diferentes mídias acabam por potencializar e ampliar as possibilidades de acesso aos conteúdos pelos estudantes atingindo os diferentes estilos de aprendizagem existentes na turma. Porém, as variadas mídias não devem ser consideradas como meros instrumentos técnicos ou formatos concretos de apresentação de conteúdo. Além delas representarem tecnologias, elas são veículos para materiais que se conectam com distintos conteúdos curriculares enriquecendo discussões, atualizando informações e possibilitando ricas problematizações na formação da consciência e da opinião crítica a respeito de assuntos diversos. Definitivamente, esse é um novo desafio e uma demanda a ser gerenciada pelos educadores, pois depende deles o encaminhamento para a construção do cenário de pesquisa, colaboração, troca e construção de conhecimento, sempre cumprindo com sua intencionalidade pedagógica e tendo foco em seu propósito para evitar perdas e devaneios.

Para tal, o educador deve estar em constante atualização, buscando formação técnica para acompanhar os avanços tecnológicos no que tange sua prática. Deve ter atitude de pesquisador para aprimorar seu embasamento teórico, avaliando sempre a concepção que fundamenta sua prática docente.

Toda essa reflexão busca em sua essência a tomada de consciência do educador sobre sua própria condição diante do uso integrado das mídias, fornecendo elementos para compreender as diferentes formas com que as gerações interagem com as mesmas, para que assim, com uma atitude intencionalmente inclusiva e colaborativa possa aproximar os estudantes do processo educativo validando seus conhecimentos e instrumentalizando os mesmos para a formação da consciência crítica e a ressignificação do fazer pedagógico dos atores deste processo, que são professores e alunos, por meio dos recursos midiáticos.

## REFERÊNCIAS

BORTOLAZZO, Sandro Faccin. **Nascido na Era Digital: Outros Sujeitos, Outra Geração**. XVI ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino – UNICAMP – Campinas – 2012.

BUCKINGHAN, D. Cultura digital, educação midiática e o lugar da escolarização. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.35, n. 3, p. 37-58, set. / dez. 2010.

COUTINHO, L.M., **Aprender com o vídeo e a câmera, Mídias na Educação**, 2003. Disponível em <http://midiasnaeducacao-joanirse.blogspot.com.br/2009/02/aprender-com-o-video-e-camera.html> . Acesso em 15 jan. 2018.

DALMÁS, Angelo. **Planejamento participativo na escola: elaboração, acompanhamento e avaliação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

DELGADO, Z., **Estudante imigrantes digitais – Tabela**, 2008. Disponível em: <https://www.scribd.com/document/9196803/Estudantes-Nativos-Digitais-Tabela>. Acesso em 10 jan. 2008.

FARIA G., Juliana; TOCHI S., Mirza. **Educação, comunicação, mídias e tecnologias: processo de formação acadêmica**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2013.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

MANNHEIM, Karl (s/d). **"O problema das gerações"** [tradução: Maria da Graça Barbedo], in idem, *Sociologia do conhecimento*, Vol. II, Porto, RES-Editora, pp. 115-176, [1928]. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69922010000200005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922010000200005) Acesso em: 18 dez. 2017.

MERCADO, L. P. L. (Org.). **Novas tecnologias na educação: reflexões sobre a prática**. Maceió: EDUFAL, 2002.

PORTILHO, Evelise. **Como se aprende? Estratégias, estilos e metacognição**. Rio de Janeiro: WAK Ed. 2009.

PRADO, M.E., **Pedagogia de projetos: fundamentos e implicações**, 2005. Disponível em <http://midiasnaeducacao-joanirse.blogspot.com.br/2009/02/aprender-com-o-video-e-camera.html> . Acesso em 15 jan. 2018.

PRENSKY. M, **Nativos digitais, imigrantes digitais**, 2001. Disponível em [http://cmappublic2.ihmc.us/rid=1417883264286\\_1406133957\\_69319/NATIVOS%20E%20INMIGRANTES%20DIGITALES%20\(Prensky\).pdf](http://cmappublic2.ihmc.us/rid=1417883264286_1406133957_69319/NATIVOS%20E%20INMIGRANTES%20DIGITALES%20(Prensky).pdf). Acesso em 12 nov. 2017.

SALDANHA, C. et al. **Estilos de aprendizagem**, 2016. Disponível em [http://www.gestoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/sem\\_pedagogica/julho\\_2016/dee\\_anexo1.pdf](http://www.gestoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/sem_pedagogica/julho_2016/dee_anexo1.pdf). Acesso em 18 jan. 2018.

SILVA, E. T. **Revalorização do livro diante das novas mídias. Veículos e linguagens do mundo contemporâneo: a educação do leitor para as encruzilhadas da mídia**, 2003. Disponível em: <http://webeduc.mec.gov.br/midiaseducacao/material/introdutorio/pdf/PEDAGOGIA%20ODE%20PROJETOS.pdf> . Acesso em 01 fev. 2018.

TAPSCOTT, Don. **Growing Up Digital: The Rise of the Net Generation**. New York: McGraw Hill, 1998